

INFORME ECONÔMICO

■ GUILHERME BARROS

Uma solução para o Jari

O Projeto Jari está muito próximo de uma solução. O BNDES deverá mesmo apoiar o empreendimento com US\$ 50 milhões em dinheiro novo para a fábrica de celulose voltar a entrar em operação.

Ao mesmo tempo, tomou-se outra decisão. A de se adiar a venda do Jari, pelo menos até o projeto se mostrar rentável. O mais curioso é que havia interessados – inclusive de fora, como a americana Trillion – na sua compra.

A decisão do BNDES de não mais vender o Jari representa uma reviravolta nas negociações que estavam sendo conduzidas. Até pouco tempo, uma das condições impostas pelo BNDES era de só liberar novos recursos para o Jari se sua venda estivesse concretizada.

Ao analisar os números do Jari, no entanto, o BNDES chegou à conclusão de que o melhor mesmo seria comprovar sua viabilidade. Se o Jari indicar sinais de se tornar rentável, poderá ser vendido a preços melhores. Hoje, a venda não seria das mais vantajosas.

Além disso, os preços do papel e celulose estão se recuperando no mercado internacional, o que é mais um ponto favorável ao Jari para poder apresentar bons resultados daqui em diante.

Ao mesmo tempo, os bancos credores estão discutindo a possibilidade de capitalização da dívida. Isso porque, junto com o empréstimo do BNDES, é necessário encontrar uma saída para a dívida de mais de US\$ 200 milhões do Jari. A alternativa posta na mesa é de os credores do empreendimento – o maior é o Banco do Brasil – transformarem seus créditos em participação acionária.

Os atuais controladores, os irmãos Guilherme e Mário Frering (leia-se Caemi), defendem a tese de que com a injeção de recursos do BNDES há grandes chances de o Jari se tornar viável.